

Linguagem e Cultura 47

direção de
Etienne Samain
Sandra Nitrini

LINGUAGEM E CULTURA

TÍTULOS PUBLICADOS

Os Mortos e os Outros, Manuela Carneiro da Cunha
Cavalaria em Cordeal, Jenusa Pires Ferreira
Marxismo e Filosofia da Linguagem, Mikhail Bakhtin
Linguagem, Pragmática e Ideologia, Carlos Vogt
Crítica e Tempo, O. C. Louzada Filho
Prosa de Ficção em São Paulo: Produção e Consumo, 1900-1920, Teresinha A. Del Fiorentino
Do Vampiro ao Cafajeste: Uma Leitura da Obra de Dalton Trevisan, Berta Waldman
Paciente Arlequinada: Uma Leitura da Obra Poética de Mário de Andrade, Vitor Knoll
Estética e Modernismo, Maria Oélia de Moraes Leonel
Primeiras Jornadas Impertinentes: o Oscuro, Jenusa Pires Ferreira & Luís Milanesi (orgs.)
Na Ilha de Marapatá: Mário de Andrade Lê os Hispano-Americanos, Raul Antelo
A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais, Mikhail Bakhtin
Videografia em Videotexto, Júlio Plaza
A Vertente Grega da Gramática Tradicional, Maria Helena de Moura Neves
Poéticas em Confronto: Nove, Novena e o Novo Romance, Sandra Nitrini
Psicologia e Literatura, Dante Moreira Leite
Osman Lins: Crítica e Criação, Ana Luíza Andrade
Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance, Mikhail Bakhtin
Man'yōshū: Vereda do Poema Clássico Japonês, Geny Wakisaka
Fazer Dizer, Querer Dizer, Claudine Haroche
Encontro entre Literaturas: França, Portugal, Brasil, Pierre Rivas
The Spectator, o Teatro das Luzes: Diálogo e Imprensa no Século XVIII, Maria Lúcia Pallares-Barbe
Fausto no Horizonte: Razões Míticas, Texto Oral, Edições Populares, Jenusa Pires Ferreira
Literatura Européia e Idade Média Latina, Ernst Robert Curtius
Cultura Brasileira: Figuras da Alteridade, Eliana Maria de Melo Souza (org.)
Nísia Floresta, O Carapuceiro e Outros Ensaios de Tradução Cultural, Maria Lúcia Burke
Puras Misturas: Estórias em Guimarães Rosa, Sandra Gardini T. Vasconcelos
Introdução à Poesia Oral, Paul Zumthor
O Fotográfico, Etienne Sarain
Processos Criativos com os Meios Eletrônicos: Poéticas Digitais, Julio Plaza & Monica Tavares
Vidas Compartilhadas: Cultura e Co-Educação de Gerações na Vida Cotidiana, Paulo de Salles Oliveira
Conversas dos Bebês, Geraldo A. Fiamenghi
Aquém e Além Mar, Sandra Nitrini (org.)
A Visão do Ameríndio na Obra de Sousândrade, Claudio Cuccagna
Ruínas da Memória: Uma Arqueologia da Narrativa. O Jardim sem Limites, Therezinha Zilli
A Natureza na Literatura Brasileira. Regionalismo Pré-Modernista, Flávia Paula Carvalho
Diálogos Interculturais, Pierre Rivas
Cone Sul: Fluxos, Representações e Perspções, Lígia Chiappini & Maria Helena Martins (orgs.)
A Formação do Romance Inglês: Ensaios Teóricos, Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos
A Intertextualidade, Tiphaine Saroyault
Imagens na História, Alcides Freire Ramos, Rosângela Patriota & Sandra Jatáhy Pesavento (orgs.)
A Construção Francesa do Brasil, Jacques Leenhardt (org.)
Ficção e Razão. Uma Retomada das Formas Simples, Suzi Frankl Sperber
Construções Identitárias na Obra de João Ubaldo Ribeiro, Rita Olivieri-Godet
O Romancista e o Engenho. José Lins do Rego e o Regionalismo Nordestino dos anos 1920 e 1930, Mariana Chaguri
Transfigurações: ensaios sobre a obra de Osman Lins, Sandra Nitrini
Musas na Encruzilhada. Ensaios de Literatura Comparada, Daniel-Henri Pageaux

MUSAS NA ENCRUZILHADA
Ensaio de Literatura Comparada

SELETA BIBLIOGRÁFICA DE
DANIEL-HENRI PAGEAUX

- Costumbrismo, vers le Réalisme. In: CANAVAGGIO, Jean (org.). **Histoire de la littérature espagnole**. Paris: Fayard, 1994.
- Da literatura comparada à teoria da literatura** (com A. M. Machado). Lisboa: Presença, 2001.
- De Comynes à Mme d'Aulnoy**. Deux siècles de relations hispano-françaises. Paris: L'Harmattan, 1987.
- El corazón viajero**. Doce estudios de literatura comparada. Lleida : Universidad de Lleida / Pagès, 2007.
- Ernesto Sábato ou la littérature comme absolu**. Paris: Éd. Caribéennes, 1989.
- Histoire de la littérature espagnole**. Paris: Ellipses, 2002.
- Imagens de Portugal na cultura francesa**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.
- Images du Portugal dans les lettres françaises (1700-1755)**. Paris: Fondation Gulbenkian, 1971.
- Images et mythes d'Haïti**. Paris: L'Harmattan, 1985.
- Imagološka razprave**. (Tone Štrolej, org.). Ljubljana: ISH, 2008.
- Impromptus, variations, études**. Essais de littérature générale et comparée. Paris: L'Harmattan, 2010.
- L'œil en main**. Pour une poétique de la médiation. Paris: Jean Maisonneuve, 2009.
- La littérature générale et comparée**. Paris: Armand Colin, 1994.
- La lyze d'Amphion**. Pour une poétique sans frontières. Paris: Presses Universitaires de la Sorbonne Nouvelle, 2001.
- Le bûcher d'Hercule**. Histoire, critique et théorie littéraires. Paris: Champion, 1996.
- Le sablier retourné**. Romance. (pseudonyme: Michel Hendrel). Paris: Belfond, 1989.
- Le scrittore di Hermes**. Introduzione alla letteratura comparata. Palermo: Sellerio, 2010.
- Le séminaire d'Ain Chems**. Une introduction à la littérature générale et comparée. Paris: L'Harmattan, 2008.
- Le système décimal**. Romance. (pseudonyme: Michel Hendrel). Paris: Belfond, 1992.
- Le tour du monde en vingt-quatre lectures**. Paris: L'Harmattan, 2008.
- Les ailes des mots**. Critique littéraire et poétique de la création. Paris: L'Harmattan, 1994.
- Les aventures de la lecture**. Cinq essais sur le Don Quichotte. Paris: L'Harmattan, 2005.
- Littératures et cultures en dialogue**. (Sohbi Babchi, org.). Paris: L'Harmattan, 2007.
- Naissances du roman**. Paris: Klincksieck, 1995.
- Perspectives comparatistes** (em colaboração). Paris: Champion, 1999.
- Quinze études autour de El siglo de las luces**. (org.). Paris: L'Harmattan, 1983.
- Rencontres, échanges, passages**. Essais et études de littérature générale et comparée. Paris: L'Harmattan, 2006.
- Sous le signe de Vertume**. Expérience poétique et création littéraire. Paris: Jean Maisonneuve, 2003.
- Trente essais de littérature générale et comparée ou La corne d'Amalthée**. Paris: L'Harmattan, 2003.

Daniel-Henri Pageaux

MUSAS NA ENCRUZILHADA
Ensaaios de Literatura Comparada

Prefácio:
Eduardo de Faria Coutinho

Organização:
Marcelo Marinho
Denise Almeida Silva
Rosani Ketzer Umbach



editoraufsm

2011

Universidade Regional Integrada
do Alto Uruguai e das Missões -
URI

HUCITEC

Universidade Federal de Santa Maria
- UFSM

Reitor:
Luiz Mario Silveira Spirelli
Presidente da Editora:
Denise Almeida Silva
Conselho Editorial:
Adriana Rotoli
Alexandre Marino da Costa
Antonio Carlos Moreira
Breno Antonio Sponchiado
Carmen Lucia Barreto Matzenauer
Claudir Miguel Zuchi
Dieter Rugar Siedenberg
Edite Maria Subbrack
Gelson Pellegrini
José Alberto Coimbra
Leonor Schiar Cabral
Liliana Locatelli
Luís Pedro Hillesheim
Márcia Lopes Duarte
Márcia Arleth Pereira
Marília dos Santos Lima
Nestor Henrique de César

Editora:
Mariana Nada
Circulação:
Solange Elster

Reitor:
Felipe Martins Miller
Vice-Reitor:
Dalvan José Reinart
Diretor da Editora:
Honório Rosa Nascimento
Conselho Editorial:
Cesar de David
Dóris Pires Vargas Bolzan
Honório Rosa Nascimento
João Vicente Barroso da Costa Lima
Kelmara Mendes Vieira
Leandro Kantorski da Rosa
Lenine Ribas Maia
Marcos Martins Neto
Maristela Bürger Rodrigues
Renato Santos de Souza
Sara Terezinha Corazza
Sílvia Helena Lovato Nascimento

Rua Assis Brasil, 709
Frederico Westphalen - RS
CEP: 98400-000
Tel: (55) 3744 9223
Fax: (55) 3744 9265
editora@fw.uri.br
www.fw.uri.br/site/editora

Rua Gilnar, 23
São Paulo - SP
CEP: 05796-050
Tel/Fax: (11) 5093-0856
lerereleer@huciteceditora.com.br
www.huciteceditora.com.br

Prédio da Reitoria
Campus Universitário
Cambó - Santa Maria - RS
CEP: 97119-900
Tel/Fax: (55) 3220-8610
editora@t1lab.ufsm.br
www.ufsm.br/editora

Organização:

Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva e Rosani Ketzzer Urbach

Projeto Gráfico:

Daiara Christ e Franciele da Silva Nascimento

Diagramação:

Franciele da Silva Nascimento

Revisão da tradução:

Marcelo Marinho e Daniel-Henri Pageaux

Revisão de texto:

Lizandro Carlos Calegari

Normalização (ABNT):

Denise Almeida Silva, Franciele da Silva Nascimento, Lizandro Carlos Calegari

El49m Pageaux, Daniel-Henri
Musas na Encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada /
Daniel-Henri Pageaux ; Organização [de] Marcelo Marinho, Denise
Almeida Silva, Rosani Ketzzer Urbach ; Prefácio [de] Eduardo de
Faria Coutinho. — Frederico Westphalen/RS: URI ; São Paulo/SP:
Hucitec ; Santa Maria/RS: UFSM, 2011.
272 p.

ISBN: 978-85-7796-052-1
ISBN: 978-85-7970-088-0
ISBN: 978-85-7391-149-7

1. Literatura comparada 2. Intertextualidade 3. Interculturalidade
I, Marinho, Marcelo (Org.) II, Silva, Rosani Ketzzer Urbach (Org.)
III, Coutinho, Eduardo de Faria (Pref.) IV, Título.

CDU - 82.091

Catálogo na fonte: bibliotecário Ricardo Cesar Silva CRB 8/7851

**9 ● APRESENTAÇÃO. SOBRE MUSAS, COUTONOS
E ENCRUZILHADAS**
Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva,
Rosani Ketzner Urbach

11 ● PREFÁCIO
Eduardo de Faria Coutinho

**19 ● INTRODUÇÃO. O COMPARATISMO ENTRE TRADIÇÃO
E RENOVAÇÃO**
Traduzido por Marcelo Marinho

**PRIMEIRA PARTE: LITERATURA COMPARADA EM SUAS
ENCRUZILHADAS**

**45 ● I. AS LEITURAS DO COMPARATISTA: LITERATURA
COMPARADA E COMPARAÇÕES**
Traduzido por Lawrence Flores Pereira

**73 ● II. DIÁLOGOS ENTRE COMPARATISMO E CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS: HISTÓRIA, GEOGRAFIA,
ANTROPOLOGIA**
Traduzido por Ricardo A. F. Martins e Marcelo Marinho

**109 ● III. ELEMENTOS PARA UMA TEORIA LITERÁRIA:
IMAGOLOGIA, IMAGINÁRIO, POLISSISTEMA**
Traduzido por Katia Aily Franco de Camargo

**SEGUNDA PARTE: DA POÉTICA DO ESPAÇO AO ESPAÇO DA
GEOCRÍTICA**

131 ● IV. LITERATURAS DE FUNDAÇÃO
Traduzido por Jovita Noronha

**149 ● V. ESPAÇOS DO IMAGINÁRIO AMERICANO E
LITERATURA MUNDIAL: REGIÃO, NAÇÃO, CONTINENTE**
Traduzido por Eurídice de Figueiredo

165 ● VI. EXOTISMOS DE ONTEM E DE HOJE
Traduzido por Núbia Hanciau

TERCEIRA PARTE: LITERATURAS E CULTURAS EM DIÁLOGO

183 ● VII. LITERATURAS, INTERSEXUALIDADE,
INTERCULTURALIDADE

Traduzido por Flávia Mara de Macedo e Marcelo Marinho

213 ● VIII. NOVO ROMANCE E ROMANCE NOVO NA ÁFRICA

Traduzido por Ofir Bergemann de Aguiar

225 ● IX. PELES NEGRAS E MÁSCARAS BRANCAS: ALEJO
CARPENTIER E JORGE AMADO

Traduzido por Ignacio Antonio Neis

235 ● X. O IMAGINÁRIO DAS ANTILHAS: ENTRE HISTÓRIA E
POLÍTICA

Traduzido por Denise Almeida Silva

249 ● CONCLUSÃO. COMPARATISMO E HUMANISMO:
ESPAÇOS PARA REFLEXÃO

Traduzido por Renato Venancio Henrique de Souza

APÊNDICE

267 ● BIOGRAFIA ACADÊMICA DOS TRADUTORES

SOBRE MUSAS, OUTONOS E ENCRUZILHADAS

Noroeste do Rio Grande do Sul, outono de 2010. Ao planejar um evento internacional na área do comparatismo, um grupo de professores discute o estado da arte da Literatura Comparada no Brasil. A avaliação da bibliografia publicada em nosso país revela uma importante lacuna: a obra de Daniel-Henri Pageaux solicitava publicação urgente em solo brasileiro. Por inspiração de musas outonais, nascia ali a ideia de congregar um grupo de professores para verter em língua portuguesa uma seleção de ensaios do renomado autor do manual **La littérature générale et comparée**.

Daniel-Henri Pageaux abraçou com grande entusiasmo o projeto. A preocupação norteadora do autor e dos organizadores deste volume foi a de oferecer um amplo panorama dos atuais rumos da literatura comparada, numa perspectiva relevante para o público brasileiro. O comparatista francês traz à luz conceitos e ideias que se desenvolvem na esteira aberta por recentes correntes transdisciplinares de pensamento, tais como os Estudos Culturais e Pós-Coloniais, ao mesmo tempo em que resgata a dimensão histórica dos estudos comparados, num constante e fértil diálogo com outras áreas do conhecimento.

O projeto, que já nasceu com dimensão internacional, tornou-se desde logo interinstitucional. Recebeu a imediata adesão de Eurídice de Figueiredo, Flávia Mara de Macedo, Ignacio Antonio Neis, Jovita Noronha, Katia Aily Franco de Camargo, Lawrence Flores Pereira, Núbia Hanciau, Ofir Bergemann de Aguiar, Renato Venancio Henrique de Souza e Ricardo André Ferreira Martins, representando um amplo leque de instituições de ensino brasileiras. Esses estudiosos generosamente aceitaram doar seu tempo, compartilhar seus profundos conhecimentos da língua francesa e aplicar seu talento de tradutores para que esta publicação viesse a lume. Pelo mesmo viés, Eduardo de Faria Coutinho acolheu o

convite para prefaciar a coletânea de seu companheiro de armas comparatistas. E as editoras HUCITEC, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Universidade Federal de Santa Maria reuniram os esforços necessários para a realização de uma edição conjunta dos estudos selecionados.

Concluídas as traduções dos ensaios, procedeu-se à padronização terminológica de todos os capítulos, necessária ao eficaz manejo dos conceitos teóricos ou críticos que, em suas diversas ocorrências, ressoam no conjunto da obra. Profundo conhecedor da língua portuguesa, o próprio autor orientou o processo de normatização lexical e revisão estrutural.

Esperamos que, na encruzilhada da literatura e dos estudos literários, esta confluência de pesquisadores, instituições e ideias – materializada em textos doravante acessíveis também em língua portuguesa –, traga um substancial e abrangente aporte para a pesquisa brasileira na área da Literatura Comparada.

Em nome dos futuros leitores, agradecemos especialmente ao autor por possibilitar a publicação de seus textos no Brasil; e, com a mesma intensidade, agradecemos aos tradutores pelo tempo, trabalho e talento graciosamente dedicados à consecução desta empreitada literária.

Rio Grande do Sul, outono de 2011.

Marcelo Marinho
Denise Almeida Silva
Rosani Ketzer Umbach
(organizadores)

PREFÁCIO A *MUSAS NA ENCRUZILHADA*: ENSAIOS DE
LITERATURA COMPARADA, DE DANIEL-HENRI PAGEAUX

Eduardo F. Coutinho
UERJ

Autor de um número considerável de obras de Literatura Comparada, que incluem desde estudos de caráter mais teórico (**Les ailes des mots: critique littéraire et poétique de la création; Trente essais de Littérature Générale et Comparée ou la corne d'Amalthée; Rencontre – échanges – passages: essais et études de Littérature Générale et Comparée; Littératures et cultures en dialogue, impromptus, variations, études: essais de Littérature Générale et Comparée**) até obras mais específicas sobre autores ou contextos determinados (**Images et mythes d'Haïti à travers des textes de A. Carpentier, Césaire et Dadié; Ernesto Sábato, la littérature comme absolu: les aventures de la lecture; Cinq essais sur le Don Quichotte; Imagens de Portugal na cultura francesa**), Daniel-Henri Pageaux é hoje uma referência nos estudos de Literatura Comparada tanto em seu país de origem, a França, quanto no exterior, particularmente nos países de língua espanhola e portuguesa, cuja produção literária já constituiu objeto de estudo de vários de seus livros. No Brasil, onde já é amplamente conhecido, não só pelas suas publicações, como também pela sua atuação na Sorbonne, onde já orientou um grande número de teses de estudantes brasileiros, ele tem ainda seu nome vinculado à maior e mais expressiva associação da área de Letras do país, a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Foi durante o XIII Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), organizado por ele na Sorbonne em 1985, que surgiu a ideia, da parte de dois professores lá presentes, Tania Franco Carvalhal e eu, de fundarmos a associação brasileira, que no

ano seguinte veio a ser criada, tendo, em seus vinte e quatro anos de existência, já realizado onze congressos internacionais de grande porte e uma vasta gama de publicações de qualidade reconhecida.

O livro de Daniel-Henri Pageaux que ora se publica no Brasil, com tradução de vários autores, sob a coordenação de Marcelo Marinho, Denise Almeida Silva e Rosani Umbach, é um estudo instigante da Literatura Comparada que abrange um amplo espectro de questões na ordem do dia na disciplina, como a crítica à perspectiva binária, dicotômica, que por tanto tempo norteou os estudos nessa área; o resgate da dimensão histórica, não mais evidentemente na perspectiva do historicismo novecentista, mas como reconhecimento do caráter relativo da avaliação crítica e da necessidade de contextualização de qualquer estudo; a busca de uma dimensão mundial, universal, da literatura, não mais como modelo abstrato, marcado por forte etnocentrismo, mas como multiplicidade que estabelece um constante diálogo com as diferenças específicas; as relações da Literatura Comparada com outras áreas do conhecimento, em particular, com a História, a Geografia e a Antropologia, mas ainda com a Sociologia e a Linguística; a absorção que o comparatismo fez das contribuições oriundas de novas correntes do pensamento, como os Estudos Culturais e Pós-Coloniais; e, *last but not least*, a retomada do comparatismo como um novo humanismo, não na perspectiva do Iluminismo que ainda dominava os estudos comparatistas em meados do século XX, mas como um humanismo que busca ver o homem, nas palavras do próprio autor, como “tema de reflexão e de análise”.

Musas na encruzilhada: ensaios de Literatura Comparada é um conjunto de ensaios teórico-críticos que tratam de questões diversas, ainda que todas ligadas direta ou indiretamente à esfera da Literatura Comparada, e que revelam um conhecimento amplo da Literatura mundial – seu autor transita por textos e autores das mais diversas procedências e por produções literárias de contextos bastante diversos, que incluem a África pós-colonial de língua inglesa e francesa, o Extremo Oriente, a América Latina em suas expressões luso, hispano e francofônica, e evidentemente a Europa Ocidental e a América do Norte. Mas, a despeito da variedade de assuntos, há um conjunto de preocupações que perpassam toda a obra, conferindo-lhe certa unidade, e que

traduzem as inquietações do *expert* que acompanhou, ao longo de toda a sua vida profissional, as transformações da disciplina e marcou suas posições em defesa dos princípios em que acreditou, mas a respeito dos quais continua, na qualidade de grande pesquisador, levantando constantes indagações. Este livro de Daniel-Henri Pageaux é um laboratório de reflexão, e nisso reside talvez a sua maior qualidade. Nada ali é afirmado de maneira categórica ou inquestionável; ao contrário, levantam-se a todo o tempo indagações, e o leitor, ainda que não de modo direto, é convocado a pensar com ele, a refletir sobre os próprios rumos da disciplina.

Dividido em três partes, precedidas de uma introdução e seguidas de uma conclusão, o livro apresenta uma distribuição bastante clara dos assuntos tratados: a primeira parte, de cunho mais predominantemente teórico, volta-se para uma discussão sobre a situação do comparatista e o papel da disciplina hoje, bem como para a questão de suas relações com as ciências humanas e sociais; a segunda, a meio caminho, traça um percurso da poética do espaço ao espaço da geocrítica, atualmente tão em voga, focalizando questões como a da chamada literatura de fundação, da reconceitualização de noções como de região, nação e continente, e do exotismo, agora visto não mais por um viés unilateral que estabelecia uma hierarquia entre o espaço do observador e o dos fatos observados; e a terceira, mais prática, tem como foco contextos diversos, mostrando como as contribuições das correntes mais recentes do pensamento atuaram sobre o comparatismo, levando-o a ampliar substancialmente seu eixo de atuação. Nessa última parte, encontram-se estudos de teor mais específico, voltados, por exemplo, para a nova produção romanesca da África pós-colonial ou para o imaginário das Antilhas, e inclusive um texto bastante singular calcado na comparação entre **O reino deste mundo**, de Alejo Carpentier, e **Jubiabá**, de Jorge Amado. A Introdução, de cunho mais teórico, trata da dialética entre tradição e renovação no âmbito do comparatismo, destacando alguns dos aspectos mais significativos por que passou a disciplina, e a Conclusão, também mais teórica, centra-se principalmente na questão do comparatismo como um novo tipo de humanismo.

No estudo da dialética entre tradição e renovação, destaca-se a ideia de que o comparatista estabelece relações, focalizando mudanças, trocas, e reflete principalmente sobre diálogos entre literaturas e culturas. A ênfase nos estudos comparados recai muito mais sobre a ideia de diferença do

que de semelhança, fato que é claramente corroborado pelo autor ao lembrar a afirmação de Robert Escarpit, em 1956, de que a Literatura Comparada é a “ciência da diferença” (p. 20). Daí a preocupação com o diálogo que perpassa toda a obra do autor. No diálogo, está o reconhecimento das diferenças e a possibilidade de convivência, não necessariamente isenta de tensões, de elementos muitas vezes opostos, e até, em alguns casos, aparentemente contraditórios. A oposição dialetizada difere, segundo Pageaux, da oposição dicotômica, em que não há nenhum tipo de intercuro. O diálogo leva os objetos confrontados a mover-se para diante, e é nisso que consiste a dinâmica do comparatismo. O ideal do diálogo faz da Literatura Comparada, nas palavras do próprio autor, “uma espantosa máquina de produzir transitividade” (p. 40), uma vez que ele torna transitivo o que não é, preservando-lhe ao mesmo tempo a singularidade. É essa visão do diálogo traz à tona uma outra noção, não menos relevante para os estudos comparatistas – a de alteridade – que é explorada por Pageaux em todos os seus aspectos, a começar pela questão da dimensão estrangeira, base dos estudos de Imagologia, uma das áreas de sua especialidade e que irá constituir um dos eixos temáticos da primeira parte do livro.

Tendo andado em baixa sobretudo à época da Escola Americana de Literatura Comparada, em que se via com descrédito todo tipo de estudo calcado numa perspectiva histórica, a Imagologia é hoje reconhecida como uma das bases dos Estudos Culturais, do Multiculturalismo, e em especial dos Estudos Pós-Coloniais, uma vez que a imagem do outro constitui um elemento de revelação particularmente esclarecedor dos funcionamentos de uma sociedade na sua ideologia, no seu sistema literário e cultural e no seu imaginário coletivo. A ideologia e o imaginário constituem, como afirma Pageaux, os dois polos opostos e complementares de um estudo de Imagologia. A imagem do outro varia de momento para momento e de local para local (daí a importância de sua dimensão histórica) e revela ao mesmo tempo a ideologia de quem a concebeu e nutriu, ou, em outras palavras, a identidade de quem a forjou. Na construção, estabelece-se um processo hierárquico em que o “eu” é tomado como referência e o “outro” como “falta”, como inferior ou exótico, naturalizando-se essa visão. O papel da Imagologia, sobretudo das últimas décadas ao presente, é então o de desconstruir tais visões, desvendando os esquemas ideológicos subjacentes e expli-

tando os intentos de dominação camuflados nessas construções. Daí sua relação tão estreita com os estudos pós-coloniais, cujas principais reivindicações estão centradas na denúncia de um processo violento de subordinação, que leva à reificação do outro.

Outro eixo fundamental de abordagem nessa primeira parte do livro é o que trata das relações entre o comparatismo e as ciências humanas, em particular a História, a Geografia e a Antropologia. No caso da primeira, o foco incide sobre as contribuições advindas da Nova História, que alteraram significativamente os estudos de historiografia literária, ampliando de modo extraordinário a sua esfera de atuação. Deixando de privilegiar a noção tradicional de progressão histórica, e passando a focalizar o tempo de vida de uma sociedade em todos os aspectos de sua cultura, os comparatistas passam a contemplar toda uma produção até então restrita a outras áreas do conhecimento, e reinscrevem a historiografia literária em um circuito muito mais amplo que inclui, além do cânone, uma gama de produção anticanônica, mesmo de transmissão oral, e textos até então reservados a geógrafos, antropólogos ou sociólogos. No caso da Geografia, vale chamar atenção, entre outras coisas, para uma espécie de redimensionamento do espaço abordado, que levanta indagações sobre conceitos tradicionalmente aceitos como o de “nação”, relativizando-o pela superposição de outros como o de “região cultural” ou pela inclusão de noções como a de “fronteira” ou “zona”, que levam à construção de uma nova cartografia literária. E, finalmente, no que tange à Antropologia, as contribuições são muitas, em especial no âmbito do discurso mítico e da própria questão da alteridade já mencionada.

Os ensaios que integram a segunda parte do livro têm como eixo a dialética entre o local e o universal, e focalizam três questões bastante frequentes nos estudos comparatistas: a da chamada literatura de fundação, a dos limites entre espaços geográficos como região, nação e continente, e a do exotismo, este último também ligado, direta ou indiretamente, à Imagologia. O primeiro ensaio, voltado para a literatura de fundação, esmiúça o conceito em todos os seus aspectos, distinguindo-o inclusive da chamada literatura engajada, e termina por discutir a aproximação existente entre a escritura de fundação e a elaboração mítica. O segundo texto, centrado nos espaços do imaginário latino-americano, examina detalhadamente os conceitos de “região”, “nação” e “continente”, a partir de exemplos

da produção literária latino-americana, e discute a necessidade presente nessas obras de construção de um espaço em que o local e o universal coexistem, jamais anulando-se, mas ao contrário complementando-se, ainda que em constante tensão. O espaço literário e cultural latino-americano (especialmente na área de língua espanhola) é um contexto marcadamente transfronteiriço, mas em que não desaparece o sentido do nacional. Finalmente, o terceiro ensaio traça um percurso do exotismo ao longo dos últimos séculos, ou melhor, do efeito exótico, ou exotização, entendido como um processo de criação, focalizando sobretudo o mundo hispânico, área de especialização do autor, e terminando com uma análise mais minuciosa do texto **Tristes trópicos**, de Lévi-Strauss.

O texto que dá início à terceira e última parte do livro, o mais teórico da seção, traz à tona outras questões centrais no âmbito do comparatismo, como a da intertextualidade, da interculturalidade e da transculturação. A intertextualidade, conceito que revolucionou os estudos comparatistas na segunda metade do século XX, levando-os a abandonar a antiga preocupação com as fontes e influências, é aqui focalizada como um elemento que permite um tipo de “comparatismo interior”, ou seja, um comparatismo dentro de uma mesma obra, uma vez que ela estuda como um texto se reapropria de outro através de recursos como a citação, a alusão, a referência, a paródia, o plágio, a colagem, etc., e como o modifica. Com a intertextualidade, não é mais necessário, segundo o autor, tomar dois textos e estabelecer relações entre eles; um só texto pode ser objeto de um estudo comparatista, levando-se em consideração os elementos textuais que são componentes do texto em causa. A ideia de poder estudar-se a Literatura Comparada dentro de uma mesma literatura nacional já vem desde os tempos da Escola Americana, mas agora a questão se amplia ao tomar como contraponto no processo comparatista os textos convocados pelo recurso da intertextualidade.

A presença de textos de nações e idiomas diversos, frequentemente através da tradução, no processo da intertextualidade, acarreta um outro fenômeno, não muito distante do primeiro, que vem sendo chamado de “interculturalidade”, e que o autor, ao abordá-lo em seu livro, o subdivide em três níveis: o da dimensão estrangeira ou a experiência do estrangeiro, o do diálogo de culturas e o do multiculturalismo ou pluriculturalidade. No segundo nível, o do diálogo de culturas,

o autor focaliza três tipos de questões que costumam constituir objeto de reflexão importante nessa área: a noção de contactos, zonas de contacto, trocas e fronteiras; a questão da mediação cultural; e a questão da literatura de viagem. A noção de espaço cultural, presente no primeiro caso, leva o estudioso a rever outros conceitos que também constituem realidades históricas e culturais, como os de literatura nacional e regional, e os de tradução e recepção de modelos estéticos. Nos dois outros casos, o da mediação cultural e o da literatura de viagem, o autor retoma a Imagologia como forma de abordagem fundamental para discutir a relação hierarquizada que se estabelece, a lógica de um cenário da representação e a escolha de uma atitude interpretativa do outro. Em todos esses casos, a questão converge para a ideia da transculturação, pois, como deixa claro o autor, uma grande parte dos fenômenos de interculturalidade ganhariam se fossem colocados no quadro desse conceito.

Os demais textos que compõem esta parte do livro são um estudo consistente e informativo sobre o novo romance na África francófona, um texto comparativo sobre Alejo Carpentier e Jorge Amado e um ensaio sobre o imaginário das Antilhas, focalizando em especial a história e a política. No primeiro caso, o autor opõe à tendência neorrealista ainda presente no período já pós-colonial, duas outras tendências: uma de influência do *nouveau roman* francês e outra marcada pelo recurso ao modelo do grotesco. Os autores que recorrem a esta última possibilidade, como por exemplo Sony Labou Tansi, utilizam com frequência recursos importados da narrativa latino-americana, como o realismo mágico, mas com a diferença de que estes sofrem, no contexto africano, um processo de transculturação, sendo africanizados. O segundo texto, cujo título explicitamente remete a Frantz Fanon, é um estudo do racismo, em sua história plurissecular e em suas manifestações sociais contemporâneas, mas é também uma especulação sobre a visão que o homem americano tem de seus ancestrais africanos. Finalmente, o terceiro ensaio, retomando algumas das ideias caras aos movimentos estéticos emanados das Antilhas ao longo do século XX, mostra como à desconstrução da língua francesa, presente na produção literária da região, corresponde a desconstrução da história oficial, escrita do ponto de vista franco-europeu, e como a substituição do conceito de “universalismo” europeu pela noção de “diver-

cidade” das culturas leva à emergência de uma pluralidade de histórias fundadas sobre a tradição e a memória coletiva. Assim, pode-se concluir que, se o imaginário antilhano é tomado entre o histórico e o político, a escritura oscila entre a investigação e o conto, o público e o íntimo.

A Conclusão do livro é, na verdade, um último ensaio, tão denso quanto os anteriores, que retoma, sem dúvida, alguns dos aspectos centrais apresentados nos textos já comentados, mas desenvolve, entre outras coisas, a proposta, lançada no início, do comparatismo como uma forma de humanismo, e chama atenção para a ideia de que a Literatura Comparada, ao adotar as exigências de um humanismo renovado, deveria incluir o aprendizado da experiência poética e a admiração necessária que acompanha todo encontro, toda descoberta autêntica. Isso que dizer que é preciso fundar nossos conceitos de arte a partir de nossa experiência da arte e não subordinar esta última aos conceitos, assim como é também indispensável estar aberto a todas as manifestações da presença do outro na sua própria cultura, de modo a poder examiná-las, compreendê-las e avaliá-las. Este novo tipo de comparatismo deve, e assim concluímos com palavras do próprio autor, “dar a palavra aos criadores, além de tentar reconciliar reflexão e criação, abordagem teórica e perspectiva poética, já que certas práticas universitárias as dissociaram” (p. 263).

O COMPARATISMO: ENTRE TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO

Há que se afirmar, antes do mais, a originalidade própria à abordagem comparatista. Não para transformá-la em disciplina à parte, ou acima, mas para sublinhar sua complementaridade em relação a outras especialidades dos estudos literários ou das ciências humanas. Nessa perspectiva, gostaria de dizer que a literatura comparada não se dedica prioritariamente à “comparação”, atividade que comungam inúmeras outras ciências ou métodos de pesquisa. Sem qualquer espírito de provocação ou queda por paradoxos, diríamos que a literatura comparada nada compara. O comparatista estabelece relações, estuda permutas, reflete sobre os diálogos entre literaturas e entre culturas. Ora, na base dessas práticas, destaca-se um elemento essencial: a diferença – ou, com mais propriedade, o fator diferenciador.

A noção de diferença não deve conduzir o pesquisador ao bastante artificioso ou acadêmico jogo de parecenças e dessemelhanças, tal como pode ocorrer em exercícios de comparação. Nesse tocante, logo penso em célebre debate entre Eduard e Charlotte, personagens de **Die Wahlverwandschaften** (1809), de Goethe¹. Eduard sustenta a ideia de que as “afinidades” (leia-se: “semelhanças”) apenas interessam quando provocam “divórcios” (“*wenn sie Scheidungen bewirken*”). “Triste palavra”, exclama Charlotte. Como resposta, Eduard relembra que, em língua alemã de outrora, os químicos eram honrosamente chamados de “artistas da separação” (“*Scheidekünstler*”). Não obstante, Charlotte retoma sua ideia e afirma que “unir é uma grande arte, um grande mérito”, razão pela qual prefere os “artistas da união” (GOETHE, 1968, v. I, p. 122-123).

Arrisquemos uma síntese que é também um ideal a que tende o comparatismo. Cumpre ao comparatista assumir, alternadamente, ambos papéis: artesão (por falta de ser artista!) da união e da separação. Por certo, a vocação do comparatista

é a de unir o que está isolado ou separado, de multiplicar os hífen, num primeiro momento. Todavia, não hesito em reproduzir as palavras de Robert Escarpit, lançadas no encerramento do I Congresso de Literatura Comparada (Bordeaux, março de 1956), evento no qual se fundou a congregação que mais tarde se tornaria a Sociedade Francesa de Literatura Geral e Comparada: “Sabemos, todos, que a Literatura Comparada é a ciência da diferença” (CONGRÈS NATIONAL DE LITTÉRATURE COMPAREE, 1956, p. 63). Com a devida prudência diante do termo “ciência”, guardemos a fórmula, para ser ilustrada sempre que possível. Considerem-se ainda, igual e lucidamente, duas grandes tendências nas pesquisas comparatistas, ou mesmo no comparatismo tomado como forma da mente, *forma mentis*: a primeira procura evidenciar as semelhanças, enquanto a segunda busca sublinhar e equacionar fatores diferenciadores.

Diga-se logo, e bem claramente: é por esta segunda tendência que se inclinam meus pensamentos, e talvez meus sentimentos. O que não implica ignorar a busca por semelhanças ou pontos comuns. Pelo contrário: afinidades, correspondências, parecenças, traços comuns, paralelismos, transposições, superposições, comparações e – sobretudo – princípios de analogia são as estratégias de uma reflexão ou de uma pesquisa profundamente “comparatista”. Eu ainda acrescentaria um outro fator que se encontra no cerne desses estudos: a noção de diálogo. Nessa perspectiva, vale relembrar Albert Thibaudet, crítico prolífico e redescoberto em recente data, que produziu uma miríade de estudos sobre a literatura francesa, no início do século XX. Em uma coletânea cujo título é um verdadeiro programa metodológico comparatista – **Passages, échanges, transpositions** [Passagens, permutas, transposições], Jean Rousset (1990, p. 14) registra que Thibaudet, encerrado em sua biblioteca e aberto ao mundo, afirmava, em bom filho espiritual de Montaigne: “No portal desta biblioteca, em breve inscreverei: ‘Não entra aqui o monólogo’. A biblioteca é filha do diálogo”.

A biblioteca do comparatista, seu *corpus*, e mormente suas diligências, são filhos do diálogo. O diálogo pressupõe a convergência de dois distintos pontos de vista, sua aproximação; e, em seguida, sua separação e diferenciação – ou, em outros termos, o acesso a uma síntese que vai além dos pontos iniciais. Mais o que seria do diálogo sem divergências de pontos de vista? O diálogo, igualmente, é um

termo capital em literatura comparada. Em sua aplicação, vejo uma forma flexível de interligar as duas atividades de pensamento que acabamos de discernir. O diálogo é, portanto e simultaneamente, a convergência de dois espíritos e sua necessária divergência. O diálogo simboliza uma outra forma de espírito profundamente comparatista: a via da conciliação, primeiro passo rumo à síntese. Estamos no próprio cerne da reflexão comparatista, de suas exigências intelectuais. O diálogo é uma forma mínima de espírito crítico, humanista (retornaremos a esse ponto), eu diria até mesmo democrático. Cabe aqui citar a definição proposta por Guillermo Del Torre, grande crítico e poeta espanhol radicado na Argentina, quando do II Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, em Chapel Hill, no ano de 1958: “A Literatura Comparada nada mais é do que o diálogo entre as literaturas”. De bom grado, eu acrescentaria: entre as culturas.

A diferença – da qual acabo de fazer a apologia, ao que parece – é, entretanto, uma noção simples demais, evidente demais e, sobretudo, por demais cômoda. Com efeito, o emprego abusivo que se faz dessa noção ou de certas fórmulas do gênero “o direito à diferença” me leva a reagir e a sublinhar uma distinção fundamental, no manual **La littérature générale et comparée** [Literatura Geral e Comparada]. É bom lembrar essa distinção, ainda na soleira do presente livro. Há duas espécies de diferença: a diferença absolutizada e a diferença dialetizada. No primeiro caso, a diferença decorre de um pensamento binário, do gênero A X B, Preto X Branco, Positivo X Negativo. Observa-se que essa diferença manifesta-se por si mesma, sem possibilidade de qualquer evolução, de transformação. Em contrapartida, a diferença dialetizada decorre de um raciocínio que dispõe A, em seguida opõe B a A, para que C apareça como solução à oposição. Acrescentemos: para que C possa desencadear a evolução de A e B. A oposição dialetizada contrapõe-se à oposição do tipo dicotômica, ou antinômica, cujas variadas manifestações e expressões conhecemos nas literaturas e nas culturas (exotismo ou, sobremaneira, racismo).

Que se contraponha, ainda, a oposição antagônica ou dicotômica ao pensamento estruturado em polaridades. A e B são dicotômicos quando dispostos num processo absolutamente adversativo. Contudo, A e B podem ser polos opostos, vale dizer que podem, em certas condições e até certo ponto, ser complementares. Ver na “diferença” a possibilidade de

uma conciliação, de uma negociação, justifica o que chamei de pensamento ou de atitude “democrática”. Um pensamento que se propõe “conciliador”. E, nesse caso, para retomar o exemplo em tela, A e B assumem-se como polos opostos para melhor evidenciarem o espaço intermediário (outra palavra-chave) e sua abundância, assim como o variado leque de casos possíveis que ocupam o espaço intermediário, batizado pelo crítico e comparatista Silviano Santiago como “entre-lugar”.

Faremos, portanto, a distinção entre binaridade (simplificadora) e polaridade (copiosa e estimulante). A desconfiança com relação à binaridade é, além de tudo, uma atitude própria a nosso atual pensamento (não ousa definir se é moderno ou pós-moderno: esse é o pensamento que nos é contemporâneo). Veja-se, por exemplo, Henri Meschonnic (1982), vituperando contra o par significante/significado e instaurando três categorias de ritmo; ou Julia Kristeva (1978), numa homenagem ao historiador George Duby, recusando “o universo binário” decorrente do “econômico-social”, e buscando dialetizá-lo por meio da língua. Ou, ainda, Edward Said (2000, p. 28), quando se exclama: “acabaram-se as oposições binárias tão caras ao empreendimento imperialista e nacionalista”.

Uma contribuição essencial da antropologia estrutural, à qual devo certas ideias, é a noção de desvio ou afastamento diferencial. Essa noção surge particularmente cedo, já em **Race et histoire**² (1952), um relatório sobre o racismo, apresentado por Claude Lévi-Strauss e publicado pela UNESCO. Vale a pena citar a passagem, antepenúltimo ponto de conclusão do trabalho (retornaremos a essa noção, em momento oportuno):

Buscamos mostrar, pela vertente oposta, que a verdadeira contribuição das culturas não consiste na lista de suas invenções particulares, mas no *desvio diferencial* [em itálicas no texto original] que elas oferecem entre si. O sentimento de gratidão e de humildade que cada membro de uma cultura dada pode e deve experimentar com relação a todos os outros pode se fundar apenas em uma única convicção: é a de que as outras culturas são diferentes da sua, da mais variada maneira; e tal assim ocorre mesmo se a natureza última dessas diferenças escapa-lhe ou se, apesar de todos seus esforços, ele consegue, de forma apenas muito imperfeita, penetrá-la. (LÉVI-STRAUSS, 1961, p. 76).

Toca ao comparatista “penetrar” a “natureza profunda” das diferenças que suas leituras resenham, trazem à luz do

dia, identificam. A elucidação da diferença é uma atividade comparatista, não para efetivamente suprimi-la, mas sim para compreendê-la, ou seja, para dominá-la sob um ponto de vista intelectual. É o que poderíamos chamar de passagem da diferença constatada à explicação do fato diferencial.

Os comparatistas não são os únicos a comparar, já dissemos. Em contrapartida, eles têm a vocação de estabelecer relações, de refletir sobre tudo que interliga e diferencia as literaturas e as culturas entre si, mas também sobre os contatos, as permutas, os diálogos, tal como adiante veremos. Relembremos também que a reflexão comparatista fundada sobre o estudo da relação, da inter-relação, pode se interessar por fenômenos de ausência de relação, de inter-relação, por difíceis e impossíveis diálogos, numa outra forma de compreender o que podem ser as relações entre culturas. Gostaria de citar um dos primeiros artigos publicados por Fernand Baldensperger, outro pai fundador da literatura comparada, o qual analisa a “resistência” da França ao **Werther** (1774), de Goethe, um dos grandes sucessos europeus no último quartel do século XVIII, uma forma de resistência que é entendida como recusa a um certo sentimentalismo em pleno século das luzes (BALDENSPERGER, 1901). Mas também lembraremos uma passagem de **Réelles présences** [Reais presenças], na qual George Steiner sublinha o fato de que o estudo daquilo que a **Eneida** recusa, altera ou omite com relação ao modelo da **Ilíada** ou da **Odisseia**, é tão instrutivo quanto o estudo das variantes dos empréstimos tomados por Virgílio a Homero (STEINER, 1991, p. 32). Essa observação delinea, a meus olhos, uma via de análise fecunda e autenticamente comparatista.

Assim, quando o comparatista convoca a extrema variedade de exemplos sobre a qual pode trabalhar, é para melhor poder dominá-la. Dominar (intelectualmente) a diferença (torná-la dialetizável), dominar o intransitivo (levá-lo ao diálogo), dominar o diverso e o múltiplo (para torná-lo compreensível, mas preservando sua singularidade plural) são tarefas essenciais do trabalho comparatista. Cito, pela primeira mas não pela última vez, o expressivo título **Entre lo uno y lo diverso**, do manual de literatura comparada do espanhol Claudio Guillén (1985), filho do grande poeta Jorge Guillén. É por sobre a realidade múltipla das culturas abordadas que se lança a questão relativa à extensão dos estudos comparatistas e dos distintos níveis de aplicação desse ideal de diferença.

Falemos de um outro ideal que pode se revelar igualmente legítimo. A literatura universal é um belo sonho que o velho Goethe teve no crepúsculo da vida – o qual foi amiúde retomado pelos comparatistas, para exaltarem seu alcance, envergadura e nobreza. Goethe explana sobre a *Weltliteratur*, literatura mundial, em uma de suas entrevistas publicadas por Eckermann (**Gespräche mit Goethe**, 1836-1848)³. Reconheçamos que, ao mesmo tempo em que foi retomada, a noção se viu igualmente instrumentalizada. Durante largo espaço de tempo, os países soviéticos falaram de “literatura mundial” (penso aqui no célebre Instituto Gorki, dedicado ao estudo da literatura mundial) tanto quanto de literatura comparada, por evidentes razões ideológicas. Em suas entrevistas, o poeta alemão constata que a poesia torna-se cada vez mais um patrimônio comum à humanidade, uma maneira de transformar Homero em nosso contemporâneo. Em seguida, critica seus compatriotas que, segundo ele próprio, não lançam olhar algum para além de seu entorno imediato. A esse estado de coisas, Goethe contrapõe suas próprias diligências, as quais jamais seriam desautorizadas por qual seja o comparatista autêntico:

Gosto de informar-me sobre as nações estrangeiras, e aconselho a todos que assim também o façam. O termo ‘literatura nacional’ pouco significa nos dias de hoje; caminhamos rumo a um tempo de literatura mundial, e cada um deve se empenhar para o advento dessa época. Contudo, mesmo com apreço ao que nos chega do exterior, não devemos nos dispor a seu reboque nem tampouco tomá-lo por modelo [...]. Quando necessitamos de um modelo, devemos sempre recorrer aos antigos gregos, em cuja obra o homem é representado naquilo que tem de mais belo. (ECKERMANN, 1941, p. 158).

Nota-se que, nesse estro de espírito que almeja uma literatura universal, a cultura grega permanece como um modelo inigualável. Aqui, é bem evidente que Goethe advoga em causa própria. Mas guardaremos a ideia de que um dos problemas levantados pela noção de universal é precisamente o modelo (estético, moral, ideológico) que lhe serve de caução. Princípio simples e eficaz: diz-me qual é o conteúdo que tu aplicas ao que chamas universal, e eu te direi quais são os fundamentos ideológicos de teu pensamento.

A literatura universal tem nobre visada. Em nada se refere a uma vaga república cosmopolita das Letras, a um

Panteão literário, à *world literature*, aos *best-sellers* mundialmente laureados ou às pretensas obras-primas da humanidade, ou mesmo ao “Tout-monde”, uma expressão cara ao escritor antilhano Édouard Glissant, o qual inventou essa noção para melhor se contrapor a uma ideia de universal que ele julga europeia, com inspiração colonizadora ou hegemônica – noção sobre a qual não se engana inteiramente, pois a história das ideias (um dos domínios da literatura comparada) demonstra que um certo “universal” nada mais foi do que uma simples projeção da ideia de “Europa” ou de “Ocidente”. Alguns ecos daquele tão nobre ideal são encontrados na literatura “planetária” pela qual advoga Étiemble (1988), após ter falado, durante muito tempo e de forma mais comedida, de uma “literatura (verdadeiramente) geral” (ÉTIEMBLE, 1974).

Essa soma possível de literaturas do mundo inteiro invoca, para mim, a civilização mundial de que trata Lévi-Strauss em **Raça e história**. E eis aqui a segunda conclusão a que se chega: ao antropólogo, a noção de “civilização mundial” assemelha-se a uma fórmula oca e inspira a seguinte reflexão: “a civilização mundial nada mais seria do que a coalizão em escala mundial de culturas preservando cada uma sua originalidade” (LÉVI-STRAUSS, 1961, p. 77).

E muito me apraz citar, como já fazia em meu manual **La littérature générale et comparée**, um dos maiores críticos da América Latina, o dominicano Pedro Henriquez Ureña, originário de Santo Domingo e cidadão do mundo americano, numa fulgurante intuição formulada em conferência no ano de 1921: “o ideal da civilização não é a unificação completa de todos os homens e todos os países, mas sim a conservação de todas as diferenças dentro de uma harmonia” (PAGEAUX, 1994, p. 19).

Tal seria, portanto, em minha concepção, a verdadeira dimensão mundial, universal, da literatura: ela pressupõe que a multiplicidade não venha a abolir a singularidade. Ora, é exatamente o contrário o que temos experimentado em matéria de “civilização” (“*way of life*”, diria, pois cultura e vida são indissociáveis); e o mesmo ocorre em matéria de reflexão crítica, já que, cada vez mais, os temas de estudos são buscados nas mesmas fontes e nos mesmos modelos. Corolário desse constato de fatos: que não se acuse o fornecedor de modelos, mas sim aqueles que, por preguiça, por gosto de modismos ou por conformismo intelectual, aplicam-se em transpor, sem maiores preocupações, as mesmas interrogações ou pesquisas.

Se lanço algumas dúvidas sobre a dimensão universal que se atribui à literatura, penso, em contrapartida, que a noção filosófica ou moral do universal tem lugar de destaque no trabalho do comparatista. Sem dúvida, o universal recobriu, ao longo da história, empreendimentos hegemônicos: a Europa talvez tenha abusado dessa noção com objetivos extremamente partidários, e tomou para si, na mais bela e sã consciência, a aplicação de tão nobre ideal. Assim, pode-se considerar legítimo o projeto conduzido por Edward Said no estudo conjunto de dois “fenômenos”: “a concepção idealista da história que nutriu o projeto comparatista de ‘literatura mundial’ e o mapa do mundo concretamente imperial da mesma época” (SAID, 2000, p. 93). Nada mais significativo, nesse sentido, que a oposição manifestada pelos romancistas antilhanos da criouldade com relação a uma universalidade que julgam neocolonial, logo substituída pela noção de “diversalidade” (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIAINT, 1989).

É igualmente verdadeiro o fato de que, no caso da reflexão intelectual, a aspiração ao universal é legítima e bem fundada. Aplicada aos foros do comparatismo, nela vejo uma via privilegiada para conjurar perigos por demais conhecidos e para afastar tentações sobremaneira frequentes: a fixação identitária, o culto do particularismo, o clanismo intelectual, a diferença racializada e radicalizada, a autenticidade étnica – práticas e crenças que retalham a solidariedade entre as culturas e denegam-lhes a vocação ao universal.

Permaneçamos na problemática da literatura mundial ou universal para evocar uma variante dessa dimensão ou uma tendência própria à sua diligência comparatista: a abordagem “supranacional”. Esta se exprime particularmente nos lúcidos escritos do grande comparatista Claudio Guillén, cuja obra venho de mencionar. Tive a oportunidade de manifestar minha admiração por um pensamento do qual é preciso reverenciar a amplitude de percepção, o poder de análise e síntese, a inesgotável curiosidade. Contudo, em resenha de seu livro **Entre lo uno y lo diverso**, resaltei minhas reservas diante do emprego da palavra “supranacionalidade”, sublinhando o fato de que essa noção, sob a pena do mestre, conservava plena força e testemunhava da largueza de seu intelecto, mas poderia desaguar em erros, excessos e simplificações, por parte de espíritos de mais baixa

plana ou de discípulos menos cultivados ou zelosos (PAGEAUX, 1989, p. 107-109).

É bem verdade que, de bom grado, o comparatista permanece por sobre (*supra*) as fronteiras quando procede à ampliação de escolha de exemplos, à diversificação de *corpus* de estudo. Ele pratica aquilo que, de forma muito sugestiva, George Steiner (1971) chamou de “extraterritorialidade”. Descartes talvez forneça um bom e inesperado exemplo desse fenômeno, quando confessa, em célebre carta endereçada à princesa Elizabeth de Bohemia: “conservando-me como sou, um pé num país e outro noutra, creio muito feliz minha condição, naquilo em que ela é livre”.

Também é verdade que, por vezes, a diligência comparatista conduz à elaboração de uma espécie de domínio utópico com a construção de um princípio de comparação, fato que já se chamou de terceiro termo, ou *tertium quid*, que não abarca nem a literatura de origem (ou observante) nem tampouco a literatura de destino (ou observada), mas que, todavia, contempla ambas ao mesmo tempo. Nesse sentido, recorro ao grande semiólogo e historiador da cultura que foi Louis Marin (1973), que define a utopia (literária ou filosófica) por intermédio da figura do neutro gramatical latim: *ne uter* – nem masculino, nem feminino, e ambos ao mesmo tempo. Mas esse momento de elevação por sobre fronteiras e por sobre conjuntos circunscritos que podem ser os textos de épocas distintas (aberturas sobre a diacronia) deve encontrar seu complemento em outro movimento do intelecto: o pensamento do “entre”, do espaço intermediário, no mais dos casos a ser isolado e construído. Nos dias de hoje, com frequência fala-se em interface. É sob o signo de Hermes, o deus mensageiro, sob a figura tutelar do hermeneuta, ou sob o signo dos anjos – emblemáticas figurações da mensagem anunciada, transportada, transmitida –, que o filósofo das ciências Michel Serres prega e elogia as virtudes do espaço intermediário:

É preciso conceber ou imaginar a forma como Hermes voa ou se desloca, quando transporta mensagens que lhe são confiadas pelos deuses, ou ainda como viajam os anjos. E, para tanto, é preciso descrever os espaços situados entre coisas já divisadas, espaços de interferência, conforme o título do segundo Hermes. Esse deus ou esses anjos transpassam pelo tempo desdobrado, razão de milhões de conexões. “Entre” sempre me pareceu, e segue parecendo, uma preposição de capital importância. (SERRES, 1994, p. 99).

Gostaria de ampliar essa linha de pensamento invocando a noção de “vazio mediano”, essencial à filosofia e à arte chinesas, tal como explanada por François Cheng, poeta e romancista sino-francês, em seu “romance do artista” (*Künstlerroman*) intitulado **Le dit de Tyanyi** [A fábula de Tyanyi], ou em **Cinq méditations sur la Beauté** [Cinco meditações sobre a Beleza]. Em seus comentários sobre a pintura ou suas meditações sobre o Belo, Cheng afirma que é preciso partir do “sopro”, aquilo que anima continuamente todos os seres do universo vivo, interligando-os numa gigantesca rede de vida em movimento que se chama “Tao” (“via”):

No âmbito do Tao, o funcionamento do sopro é ternário, uma vez que o Sopro primordial divide-se em três tipos cuja interação rege o conjunto dos seres vivos, a saber, o sopro Yin, o sopro Yang e o sopro do Vazio-Mediano – o qual, como seu nome indica, encarna o necessário espaço intermediário de encontro e de circulação – para entrar numa interação eficaz e, na medida do possível, harmoniosa. (CHENG, 2006, p. 145).

Retornemos ao que é fundamental para definir a diligência comparatista: situá-la no cruzamento do supra e do inter. O prefixo “trans” (transnacional, transcultural...) traduziria com bastante precisão essa dinâmica que tende, se não à síntese, pelo menos à mudança das formas iniciais, dos dados observados, à sua metamorfose (*meta*-morfose), sua *trans*-formação. Não há como esquecer esse grande espírito que foi Haroldo de Campos, hábil no manejo do prefixo “trans”, em seus trabalhos de tradução e alhures. O tradutor e ensaísta falava de “transcriações”, termo posteriormente escolhido como título para uma coletânea de estudos publicados em sua homenagem (cf. CARVALHAL, REBELLO, FERREIRA, 2004). Em complementar ordem de ideias, a noção de “transculturação”, proposta pelo cubano Fernando Ortiz (regressamos aqui a 1940), é uma das raras noções plenamente utilizáveis por todo comparatista, como adiante se verá. Pelas mãos do cubano, a literatura tratada pelo comparatista é transformada em transliteratura. Relembremos esta evidência: numa análise comparatista, tudo aquilo que leva ao constato de um conjunto de semelhanças e diferenças, que conduz aproximativamente a um estado anterior (em nome da especificidade dos textos), que apenas glosa uma somatória de fatos, traz não mais que descrédito à disciplina, ao demonstrar a inutilidade do vão trabalho concluído.

